

SARAH LOTZ



OS
TRÊS

COMO COMEÇA

Anda, anda, anda...

Pam olha a luz indicadora do cinto de segurança, desejando que ela se apague. Não vai aguentar muito tempo e quase consegue escutar a voz de Jim dando uma bronca por não ter ido ao banheiro antes de embarcar no avião: *Você sabe que tem bexiga solta, Pam, o que estava pensando?*

A verdade é que ela não tinha ousado ir a um dos banheiros do aeroporto. E se ficasse cara a cara com um daqueles vasos sanitários futuristas que tinha visto no guia e não entendesse como dar a descarga? E se acidentalmente se trancasse dentro de um cubículo e perdesse o voo? E pensar que Joanie sugerira que ela passasse alguns dias explorando a cidade antes de pegar a conexão para Osaka! A simples ideia de se orientar sozinha nas ruas alienígenas de Tóquio já deixa Pam com as mãos úmidas de suor – o aeroporto já fora atordoante demais. Abalada e pegajosa depois do voo desde Fort Worth, sentiu-se como uma lesma gigante enquanto se arrastava em direção ao Terminal 2, de onde partia o voo de conexão. Todo mundo ao redor parecia eficiente e confiante; as pessoas passavam em bandos, pastas balançando, olhos escondidos atrás de óculos escuros. Ela estava consciente de cada quilo extra que carregava ao se espremer no ônibus, corando a cada vez que alguém lançava um olhar em sua direção.

Felizmente houvera muitos outros americanos no voo para Tóquio – o rapaz gentil ao lado dela havia mostrado pacientemente como mexer no sistema de vídeo –, mas neste avião ela tinha uma consciência dolorosa de que era a única... qual é mesmo a palavra que sempre usam nos seriados de detetive de que Jim gosta? Caucasiana, isso. E as poltronas são muito menores; precisava se espremer feito um presunto enlatado. Mesmo assim, pelo menos há um lugar vazio entre Pam e o sujeito com ar de empresário sentado na poltrona do corredor e ela não terá que tomar cuidado para não esbarrar nele acidentalmente. Mas precisará incomodá-lo quando for ao banheiro, não é? E, meu Deus, parece que ele está caindo no sono, o que significa que Pam terá que acordá-lo.

O avião continua a subir e o sinal ainda está aceso. Ela olha para a escuridão do lado de fora da janela, vê a luz vermelha piscando na asa que emerge através da nuvem, segura com força os braços da poltrona e sente as entranhas da aeronave latejando através do corpo.

Jim estava certo. Ela nem chegou ao destino e todo esse empreendimento já é demais. Ele tinha avisado: Pam não era feita para voos de longa distância, tinha tentado convencê-la de que a coisa toda era má ideia. *Joanie pode vir para casa quando quiser, Pam, por que se incomodar em viajar metade do mundo para vê-la? E por que ela quis dar aulas para asiáticos, afinal? As crianças americanas não são boas o bastante? E, além disso, Pam, você nem gosta de comida japonesa, como é que vai conseguir comer golfinho cru ou sei lá o que eles comem por lá?* Mas ela havia batido o pé, surpreendendo-o. Joanie estava longe havia dois anos e Pam precisava vê-la, sentia uma saudade terrível e, pelas fotos que vira na internet, os reluzentes arranha-céus de Osaka não pareciam tão diferentes dos que havia nas cidades americanas normais. Joanie avisara que no início ela poderia achar a cultura desconcertante, que o Japão não era todo feito de flores de cerejeira e gueixas sorrindo tímidas por trás de leques, mas Pam presumira que conseguiria enfrentar. Pensara, estupidamente, que seria algum tipo de aventura divertida de que poderia se gabar com Reba durante anos.

O avião se nivela e enfim a luz para manter presos os cintos se apaga. Há uma agitação quando vários passageiros pulam das poltronas e começam a remexer nos compartimentos de bagagem. Rezando para que não haja fila para o banheiro, ela solta o cinto e se prepara para esgueirar-se à frente do sujeito no assento do corredor quando um estrondo portentoso abala a aeronave. Pam logo pensa num cano de descarga de automóvel estourando, mas os aviões não têm isso, certo? Solta um gritinho – uma reação atrasada que a faz sentir-se ligeiramente idiota. Não é nada. Trovão, talvez. É, é isso. O guia impresso dizia que tempestades não eram incomuns...

Outro estouro, mais parecido com um tiro. Um coro de gritos agudos vem da frente do avião. As luzes dos cintos de segurança se acendem outra vez e Pam procura o seu; seus dedos estão entorpecidos, não consegue se lembrar de como afivelá-lo. A aeronave cai, mãos gigantes apertam seus ombros para baixo e seu estômago parece ser forçado contra a garganta. Isso não pode estar acontecendo. Não com ela. Coisas assim não acontecem com pessoas como ela, pessoas comuns. Pessoas *boas*. Há uma sacudida, os compartimentos acima chacoalham e depois, misericordiosamente, o avião parece planar.

Um *ping*, uma arenga em japonês, e então uma voz:

– Por favor, continuem nas poltronas com os cintos afivelados.

Pam respira de novo; a voz é serena, despreocupada. Não pode ser nada muito sério, não há motivo para pânico. Tenta olhar por cima dos encostos das poltronas para ver como as outras pessoas estão reagindo, mas só consegue vislumbrar uma série de cabeças baixas.

Agarra de novo os braços da poltrona: a vibração do avião aumentou, suas mãos estão se sacudindo, um latejamento doentio reverbera de seus pés. Um olho meio escondido atrás de uma franja de cabelos pretos aparece na fenda entre as poltronas à sua frente; deve ser a criança que ela recorda ter visto sendo puxada por uma jovem séria de batom, logo antes de decolarem. O menininho olhara para ela, obviamente fascinado (podem dizer o que quiserem sobre os asiáticos, tinha pensado ela, mas as crianças deles são as coisas mais fofas). Ela acenara e rira, mas ele não havia reagido, então a mãe rosara algo e ele deslizara obedientemente para a poltrona, sumindo de vista. Ela tenta sorrir, mas sua boca está seca, os lábios se grudam nos dentes e, ah, meu Deus, a vibração está piorando.

Uma névoa branca vem pelo corredor e paira em volta dela; Pam se pega batendo inutilmente na tela à sua frente, tentando pegar os fones de ouvido. Isso não está acontecendo agora, de jeito nenhum. Não, não, não. Se ao menos puder fazer a tela funcionar, assistir a um filme, algo tranquilizador, como aquele seriado de humor que viu na viagem até ali, aquele com o... Ryan não sei das quantas. O avião se sacode violentamente outra vez: parece ir de um lado para o outro e de cima para baixo; seu estômago revira de novo. Ela engole em seco convulsivamente. Não vai vomitar, não vai.

O empresário se levanta, os braços balançam conforme o avião sacode, parece estar tentando abrir o compartimento de bagagem acima, mas não consegue se equilibrar. Pam quer gritar “O que você está fazendo?”; tem a sensação de que, se ele não se sentar, a situação vai ficar pior. A vibração está tão intensa que a faz pensar em quando o estabilizador de sua lavadora quebrou e a droga da máquina corcoveava pelo chão. Uma comissária de bordo surge na neblina, segurando os encostos das poltronas dos dois lados. Faz um gesto para o empresário, que humildemente tomba de volta no assento. Ele remexe no bolso de dentro do paletó, tira um celular, encosta a cabeça na poltrona à frente e começa a falar no aparelho.

Ela deveria fazer o mesmo. Deveria telefonar para Jim, falar sobre Snookie, lembrar-lhe que não pode dar aquela comida barata para ela. Deveria ligar para Joanie... Mas para dizer o quê, que talvez vá se atrasar? Ela quase ri. Não, para dizer que sente orgulho dela, mas será que vai haver sinal ali? Será que usar seu

celular não vai interferir no sistema de navegação da aeronave? Será que ela precisa de cartão de crédito para usar o telefone do encosto da poltrona?

Onde está seu telefone? Na pochete com o dinheiro, o passaporte e os comprimidos, ou será que pôs na bolsa? Por que não consegue lembrar? Abaixa a mão procurando a bolsa, o estômago parecendo espremido contra a coluna. Vai vomitar, sabe que vai, mas então seus dedos encostam na alça; Joanie dera-lhe a bolsa no Natal antes de ir embora, dois anos antes. Fora um bom Natal, até Jim estava de bom humor naquele dia. Outra sacudida e a alça pula fora do seu alcance. Ela não quer morrer assim, não. Não entre estranhos, não com aquela aparência, os cabelos oleosos – aquela nova escova fora um erro – os tornozelos inchados, de jeito nenhum. Nem pensar. Depressa, pense numa coisa interessante, numa coisa boa. É. Isso tudo é um sonho, na verdade ela está sentada no sofá segurando um sanduíche de frango com maionese, com Snookie no colo, Jim cochilando na poltrona acolchoada. Ela sabe que deveria rezar, sabe que é isso que o pastor Len diria. Se rezar, será que tudo isso acaba? Mas pela primeira vez na vida não consegue pensar nas palavras. Sai um “Deus, me ajude”, mas outros pensamentos ficam se intrometendo. Quem vai cuidar da Snookie se algo acontecer com ela? Snookie está velha, quase 10 anos, por que Pam a deixou? Os cachorros não entendem. Ah, meu Deus, tem aquela pilha de meias-calças rasgadas escondida no fundo da gaveta de calcinhas, que ela vive pensando em jogar fora. O que as pessoas vão pensar se a acharem?

A névoa está ficando mais densa, a bile ardente sobe pela garganta de Pam, sua visão fica turva. Um estalo agudo e um copo plástico amarelo surge em sua linha de visão. Mais palavras em japonês. Seus ouvidos estão estalando, ela engole em seco, percebe que sente o gosto do horrível macarrão temperado que comeu no voo anterior e tem tempo de sentir alívio porque não precisa mais urinar. Agora são palavras em inglês, ruídos ininteligíveis: ... *socorro amigos passageiros...*

O empresário continua a falar ao telefone, o aparelho é arrancado da mão dele quando o avião se sacode outra vez, mas a boca do sujeito continua se mexendo; ele parece não perceber que não o segura mais. Ela não consegue inspirar o suficiente, o ar tem gosto metálico, artificial, áspero, faz com que engasgue de novo. Clarões fortes a ofuscam momentaneamente, Pam estende a mão para a máscara, mas a coisa fica balançando para longe e então ela sente cheiro de algo queimando, como plástico largado em cima de um fogão. Fez isso uma vez, deixou uma espátula e Jim ficou falando sobre aquilo durante semanas. *Você poderia ter queimado a casa toda, mulher.*

Outra mensagem... *Preparem-se, preparem-se, preparem-se para o impacto.*

A imagem de uma cadeira vazia preenche sua cabeça e ela é inundada por uma pena de si própria tão aguda que dói: é a sua cadeira, em que ela se senta toda quarta-feira no grupo de estudo da Bíblia. Uma cadeira forte, confiável, *amigável*, que nunca reclama de seu peso, o assento esburacado pelo uso. Ela sempre chega cedo à reunião para ajudar Kendra a pegar as cadeiras e todo mundo sabe que ela se senta sempre à direita do pastor Len, perto da cafeteira. Tinham orado por ela na véspera da partida – até Reba desejara sorte. Seu peito havia se enchido de orgulho e gratidão, as bochechas queimando por ser o centro de tanta atenção. *Querido Jesus, por favor, cuide de nossa irmã e amiga querida, Pamela, enquanto ela...* O avião chacoalha e ouve-se o ruído das malas, laptops e outros pertences despencando dos compartimentos de bagagem, mas se ela continuar concentrada naquela cadeira vazia tudo vai ficar bem. Como aquele jogo que ela às vezes faz voltando de carro da loja: se passarem três carros brancos, o pastor Len vai pedir a ela, e não a Reba, para arrumar as flores.

Um som agudo como unhas gigantes raspando num quadro-negro, o piso entra em convulsão, um peso empurra sua cabeça na direção do colo, ela sente os dentes batendo uns nos outros, quer gritar para fazer parar quem está puxando suas mãos para cima da cabeça. Anos atrás uma picape havia entrado na frente do seu carro enquanto ela ia pegar Joanie na escola. Naquele momento tudo ficara lento de repente: ela teve consciência de detalhes minúsculos, a rachadura no para-brisa, os pontos de ferrugem no capô do outro carro, a forma sombreada do motorista com boné. Mas agora tudo acontecia depressa demais! Pam é chicoteada, socada e espancada. Não consegue manter a cabeça erguida, a poltrona à frente salta para o seu rosto, uma luz branca relampeja, cegando-a, e ela não consegue...

Uma fogueira estala e cospe fagulhas, mas suas bochechas estão frias, aliás, congeladas. Ela está do lado de fora? Claro que sim! Idiota, não dá para ter fogueiras dentro de casa, dá? Mas onde ela está? Sempre fazem uma reunião no rancho do pastor Len na noite de Natal; Pam deve estar no pátio, olhando os fogos de artifício. Ela sempre traz seu famoso molho de *blue cheese*. Não é de espantar que esteja se sentindo tão perdida! Esqueceu-se de trazer o molho, deve ter deixado na bancada. O pastor Len vai ficar muito desapontado e...

Alguém está gritando – *não se deve gritar no Natal, por que você está gritando no Natal? É uma ocasião feliz.*

Levanta a mão para enxugar o rosto, mas não consegue... Isso não está certo, ela está deitada sobre o próprio braço, que está torcido às costas. Por que está

deitada? Será que caiu no sono? Não no Natal, quando sempre há tanta coisa para fazer... Tem que se levantar, pedir desculpas por ser tão grosseira, Jim vive dizendo que ela precisa organizar as ideias, tentar ser um pouquinho mais...

Passa a língua nos dentes. Um dos incisivos está lascado, a borda machuca a língua. Ela mastiga areia, engole... Meu Deus, a sensação na garganta é como se tivesse engolido giletes, será que ela...

E então a lembrança do que aconteceu a atinge de uma vez, com uma força que a faz ofegar, e com isso vem um jorro de dor incandescente, brotando na perna direita e disparando pela barriga. *Levante, levante, levante*. Ao tentar levantar a cabeça, agulhas quentes penetram na nuca.

Outro grito, parece bem próximo. Nunca tinha ouvido nada assim: é uma coisa crua, quase inumana. Precisa fazer com que pare, está piorando a dor na barriga, como se o grito se conectasse diretamente com suas entranhas, puxando-as a cada uivo.

Ah, obrigada, Jesus, ela consegue mexer o braço direito e o levanta lentamente, sonda a barriga, toca algo mole, molhado; aquilo não deveria estar assim. Não vai pensar nisso agora. Ah, Deus, ela precisa de ajuda, que alguém venha ajudá-la, se ao menos tivesse ouvido Jim e ficado em casa com Snookie e não tivesse todos aqueles pensamentos ruins sobre Reba...

Pare com isso. Não pode entrar em pânico. É o que sempre dizem: não entre em pânico. Está viva. Deveria agradecer. Precisa se levantar, ver onde está. Não está mais em sua poltrona, disso tem certeza, está deitada em algum tipo de superfície musgosa, macia. Conta até três, tenta usar o braço bom para se virar de lado, mas é obrigada a parar quando um relâmpago de agonia – agudo e espantoso como um choque elétrico – atravessa o corpo inteiro. É tão intenso que não consegue acreditar que a dor pertença mesmo a ela. Fica imóvel e a dor misericordiosamente começa a diminuir, deixando um entorpecimento preocupante, mas também não vai pensar nisso agora, de jeito nenhum.

Fecha os olhos com força e volta a abri-los. Pisca para clarear a visão. Hesitante, tenta virar a cabeça para a direita e dessa vez consegue sem aquela dor horrível, intrusiva. *Bom*. Uma mancha de luz alaranjada ao fundo deixa tudo em silhueta, mas ela pode avistar um bosque denso – árvores estranhas e retorcidas, que não consegue identificar – e ali, bem na frente, um pedaço curvo de metal retorcido. Ah, meu Deus, é o avião? É... ela consegue ver a forma oblonga de uma janela. Um estalo, um sibilo, um estrondo fraco e toda a cena é iluminada, clara como o dia. Seus olhos se enchem de água, mas ela não vai desviar o olhar. Não vai. Pode ver a borda serrilhada da fuselagem, rasgada cruelmente do resto do corpo da aero-

nave... Onde está o resto? Ela estava sentada naquela parte? Impossível. Não poderia sobreviver àquilo. É como um enorme brinquedo quebrado, que a faz pensar nos terrenos em volta dos trailers onde a mãe de Jim morava. Eram cheios de entulho, pedaços de carros velhos, velocípedes quebrados e Pam não gostava de ir lá, ainda que a mãe de Jim sempre fosse gentil com ela... Sua visão está limitada devido à sua posição e ela ignora os estalos que ouve quando estica a cabeça até a bochecha encostar no ombro.

Os gritos param abruptamente, no meio de um uivo. *Bom*. Ela não quer que esse momento seja atrapalhado pela dor e os barulhos de outra pessoa.

Esperem um instante... Tem alguma coisa se mexendo, perto de onde começavam as árvores. Uma forma escura, uma pessoa pequena, uma criança? A criança que estava sentada na frente dela? Pam é tomada pela vergonha: não pensara no menino ou na mãe dele nem por um segundo enquanto o avião caía. Só em si mesma. Não é de espantar que não conseguisse orar, que tipo de cristã ela é? Para sua frustração, a figura sai de sua linha de visão, mas ela não consegue virar o pescoço nem mais um centímetro.

Tenta abrir a boca para gritar; desta vez parece que não consegue mexer a mandíbula. *Por favor. Estou aqui. Hospital. Consiga ajuda.*

Uma pancada fraca atrás de sua cabeça.

– Ai – consegue articular ela. – Ai.

Algo toca seu cabelo e ela sente lágrimas escorrendo pelas bochechas: está em segurança, vieram salvá-la.

O som de pés correndo. *Não vá. Não me deixe.*

Pés descalços aparecem de repente diante de seus olhos. Pés pequenos, sujos, está escuro, escuro demais, mas eles parecem manchados com uma gosma preta – lama? sangue?

– Me ajude, me ajude, me ajude.

Isso, ela está falando agora. Se consegue falar, vai ficar bem. Só está em choque. É. É só isso.

– Me ajude.

O rosto vem em sua direção; está tão perto que ela sente a respiração do menino nas bochechas. Tenta se concentrar nos olhos dele. Será que eles estão...? De jeito nenhum. É só a má iluminação. Eles estão brancos, totalmente brancos, sem pupilas, *ah, Jesus, me ajude*. Um grito cresce em seu peito, aloja-se na garganta, ela não consegue colocá-lo para fora, vai sufocá-la. O rosto se vira bruscamente para o outro lado. Seus pulmões estão pesados, líquidos. Agora dói respirar.

Algo tremula na extrema esquerda de seu campo de visão. É a mesma criança?

Como ela pode ter ido até lá tão depressa? Está apontando para alguma coisa... Formas, mais escuras do que as árvores ao redor. Pessoas. Definitivamente são pessoas. A claridade alaranjada está diminuindo, mas ela consegue ver claramente as silhuetas. São centenas, parece, e estão vindo para ela. Saindo das árvores, daquelas árvores estranhas, nodosas, encalombadas e torcidas feito dedos.

Onde estão os pés deles? Não têm pés. Isso não está certo.

De jeito nenhum. Não são reais. Não podem ser reais. Ela não consegue ver os olhos deles, os rostos são glóbulos totalmente pretos que permanecem chapados e imóveis enquanto a luz atrás floresce e morre.

Estão vindo pegá-la, ela sabe.

O medo se esvai, substituído pela certeza de que ela não tem muito tempo. É como se uma Pam fria e confiante – uma Pam nova, que ela sempre quis ser – entrasse e assumisse seu corpo espancado, agonizante. Ignorando a sujeira onde sua barriga estivera um dia, ela tateia procurando a pochete. Ainda está ali, embora tenha sido girada para a lateral do corpo. Fecha os olhos e se concentra em abrir o zíper. Seus dedos estão molhados, escorregadios, mas agora não vai desistir.

O *vup-vup* preenche seus ouvidos, desta vez mais intenso, uma luz vem do alto e dança acima e ao redor dela; Pam consegue divisar uma fileira de poltronas espalhadas, estruturas de metal captando a luz, e um sapato de salto alto que parece novo em folha. Espera para ver se a luz vai impedir a aproximação do grupo. Eles continuam a se esgueirar e ela ainda não consegue identificar nenhuma característica facial. E onde está o garoto? Se ao menos pudesse dizer para ele não chegar perto deles, porque ela sabe o que eles querem, ah, sim, ela sabe exatamente o que querem. Mas agora não pode pensar nisso, não quando está tão perto. Enfia a mão na bolsa, dá um gritinho de alívio quando os dedos roçam na parte traseira lisa do telefone. Com cuidado para não deixá-lo cair, retira-o – tem tempo para se maravilhar com o pânico que sentiu antes, quando não conseguia lembrar onde o havia colocado – e instrui o braço a trazê-lo até o rosto. E se ele não funcionar? E se estiver quebrado?

Não vai estar quebrado, ela não vai deixar que esteja quebrado, e grasma em triunfo quando escuta a animada musiquinha ao ligá-lo. Quase lá... Um *tsc* de exasperação – ela é uma criatura tão desastrada! Há sangue na tela toda. Usando o resto das forças para se concentrar, encontra o caminho para a pasta de aplicativos, vai até o ícone do gravador. Agora o *vup-vup* é de ensurdecer, mas Pam grita ao mesmo tempo que ignora o fato de que não consegue mais enxergar.

Segura o telefone junto à boca e começa a falar.

QUINTA-FEIRA NEGRA

DA QUEDA À CONSPIRAÇÃO

Por dentro do fenômeno dos Três

ELSPETH MARTINS

Jameson & White Editores

Nova York * Londres * Los Angeles

NOTA DA AUTORA

Talvez alguns leitores não sintam pavor quando as palavras Quinta-Feira Negra são mencionadas. Aquele dia – 12 de janeiro de 2012 – em que quatro aviões de passageiros caíram com horas de diferença, resultando na morte de mais de mil pessoas, entrou para os anais dos desastres devastadores que mudaram a forma como vemos o mundo.

De modo previsível, semanas depois dos acidentes, o mercado recebeu uma avalanche de relatos de não ficção, blogs, biografias e artigos de opinião aproveitando o fascínio mórbido do público pelos eventos e pelas crianças que sobreviveram, conhecidas como Os Três. Mas ninguém poderia ter previsto a cadeia macabra de acontecimentos que viria em seguida ou a rapidez com que iriam se desdobrar.

Como fiz em *Detonadores*, minha investigação sobre os crimes com armas de fogo perpetrados por crianças com menos de 16 anos nos Estados Unidos, decidi que, se ia acrescentar minha voz a essa balbúrdia, o único modo de fazer isso era montar um relato objetivo, deixando os envolvidos falarem com as próprias palavras. Com essa intenção, usei uma ampla variedade de fontes, inclusive a biografia inacabada de Paul Craddock, as mensagens coletadas de Chiyoko Kamamoto e entrevistas que realizei pessoalmente no decorrer e logo depois dos acontecimentos em questão.

Não peço desculpas pela inclusão de assuntos que alguns possam considerar incômodos, como os relatos dos primeiros a chegar aos locais das tragédias; as declarações de antigos e atuais pamelistas; os *isho* encontrados no local da queda do voo 678 da Sun Air; e a entrevista, nunca antes publicada, do exorcista contratado por Paul Craddock.

Mesmo admitindo ter incluído trechos de matérias de jornais e revistas como forma de estabelecer um contexto – e, até certo ponto, como instrumento de narrativa –, minha motivação principal, assim como em *Detonadores*, é fornecer uma plataforma isenta para as perspectivas das pessoas mais próximas aos prin-

cipais atores dos fatos ocorridos entre janeiro e julho de 2012. Tendo isso em mente, peço que os leitores lembrem que estes relatos são subjetivos e que tirem suas próprias conclusões.

Elspeth Martins
Nova York
30 de agosto de 2012

Eles estão aqui. Eu... Não deixe a Snookie comer chocolate, é veneno para os cachorros, ela vai implorar a você... O menino. O menino, vigiem o menino, vigiem as pessoas mortas, ah, meu Deus, elas são tantas... Estão vindo me pegar agora. Vamos todos embora logo. Todos nós. Tchou, Joanie, adorei a bolsa, tchau, Joanie, pastor Len, avise a eles que o menino, não é para ele...

Últimas palavras de Pamela May Donald (1961-2012)

PARTE UM

QUEDA

Do primeiro capítulo de *Cuidando de Jess: minha vida com um dos Três*, de Paul Craddock (escrito em colaboração com Mandi Solomon).

Sempre gostei de aeroportos. Podem me chamar de romântico, mas eu ficava inebriado ao ver famílias e amantes se reunindo – aquela fração de segundo em que os cansados e queimados de sol emergem pelas portas de vidro e o reconhecimento ilumina seus olhos. Assim, quando Stephen pediu que eu fosse pegá-lo com as meninas no aeroporto de Gatwick, fiquei mais do que feliz.

Saí com uma boa hora de folga. Queria chegar cedo, tomar um café e observar as pessoas durante um tempo. Agora é estranho pensar nisso, mas naquela tarde eu estava com um humor maravilhoso. Tinha recebido um convite para o papel do mordomo gay na terceira temporada de *Cavendish Hall* (por causa do tipo físico, claro, mas Gerry, meu agente, achou que essa enfim poderia ser minha grande chance) e eu tinha conseguido achar uma vaga de estacionamento que não me exigiria caminhar muito até a entrada. Como estava de bom humor, pedi um *espresso* com leite e creme extra e fui me juntar à multidão que esperava a saída dos passageiros da área de bagagem. Perto de uma loja do Cup'n Chow, um grupo de jovens estagiários discutindo sem parar fazia um serviço execrável desmontando uma decoração cafona de Natal que já deveria ter sido retirada muito antes. Assisti àquele minidrama por um tempo, sem saber que o meu estava para começar.

Eu não tinha pensado em verificar o horário do avião no painel de voos, por isso fui apanhado desprevenido quando uma voz nasalada estrondeou no alto-falante:

– Por favor, todos os que esperam a chegada do voo 277 da Go!Go! Airlines vindo de Tenerife dirijam-se ao balcão de informações, obrigado.

Esse não é o voo do Stephen?, pensei, verificando os detalhes no meu Blackberry. Não fiquei muito preocupado: presumi que fosse um atraso. Não me ocorreu pensar por que o Stephen não havia ligado dizendo que iria se atrasar.

A gente nunca pensa que isso vai acontecer com a gente, não é?

A princípio éramos apenas um grupo pequeno – outros, como eu, que tinham chegado cedo. Uma garota bonita com cabelo tingido de ruivo segurando um balão em forma de coração preso numa vareta, um cara com *dreadlocks* e corpo

de lutador e um casal de meia-idade com pele de fumante, vestindo roupas de moletom idênticas, cor de cereja. Não era o tipo de pessoas de quem eu geralmente optaria por me aproximar. É estranho como as primeiras impressões podem ser tão erradas... Agora eles estão entre os meus amigos mais íntimos. Bom, esse tipo de coisa une a gente, não é?

Eu deveria saber, pela expressão chocada do adolescente cheio de espinhas que estava no balcão e pela mulher da segurança pálida ao lado dele, que algo horrível se passava, mas nesse estágio só sentia irritação.

– O que está acontecendo? – falei rispidamente no meu melhor sotaque de *Cavendish Hall*.

O adolescente conseguiu gaguejar que deveríamos acompanhá-lo até “onde mais informações seriam dadas”.

Todos obedecemos, mas confesso que fiquei surpreso ao ver que o casal de moletom não reagiu com agressividade, pois eles não pareciam do tipo que gosta de receber ordens. Mas, como me disseram semanas depois, numa das nossas reuniões do “277 Unido”, àquela hora estavam em plena fase de negação. Se algo desagradável tivesse acontecido com o avião, não *queriam* saber nada, em especial da boca de um garoto que mal havia saído da puberdade. O adolescente praticamente correu em frente, talvez para que nenhum de nós tivesse chance de interrogá-lo, e nos fez passar por uma porta inócua ao lado do escritório da alfândega. Fomos levados por um longo corredor que, a julgar pela tinta descascando e o piso gasto, não ficava numa parte do aeroporto normalmente vista pelo público. Lembro-me de sentir um cheiro de fumaça de cigarro vindo de algum lugar, num flagrante desrespeito à proibição ao fumo.

Fomos parar numa sala austera sem janelas, mobiliada com gastas poltronas cor de vinho, típicas de sala de espera. Meu olhar foi atraído por um daqueles cinzeiros tubulares dos anos 1970, meio escondido atrás de uma planta de plástico. É engraçado o que a gente recorda, não é?

Um cara com terno de poliéster segurando uma prancheta veio na nossa direção, o pomo de adão subindo e descendo como alguém que sofre de síndrome de Tourette. Apesar de pálido feito um cadáver, suas bochechas estavam vívidas com um corte sério feito ao se barbear. Seu olhar ia de um lado para outro, encontrou o meu brevemente, depois fitou algum ponto ao longe.

Naquele momento, acho, é que fui atingido pela compreensão nauseante de que ia ouvir algo que mudaria minha vida para sempre.

– Vá em frente, camarada – disse Kelvin, o cara dos *dreads*.

O sujeito de terno engoliu em seco, num espasmo convulsivo.

– Lamento muito dizer isso a vocês, mas o voo 277 desapareceu do radar há cerca de uma hora.

O mundo oscilou e eu tive os primeiros sintomas de um ataque de pânico. Meus dedos estavam pinicando e o peito começava a se apertar. Então Kelvin fez a pergunta que o resto de nós receava fazer:

– Ele caiu?

– Por enquanto não temos certeza, mas, por favor, saibam que daremos a informação a vocês assim que ela chegar. Psicólogos estarão disponíveis para quaisquer de vocês que...

– E há sobreviventes?

As mãos do homem de terno estavam tremendo e o avião de desenho animado brilhando em seu crachá plástico da Go!Go! parecia zombar de nós com uma despreocupação presunçosa. “O nome deveria ser Gay!Gay!”, costumava dizer Stephen sempre que um dos terríveis comerciais da Go!Go! aparecia na televisão. Ele vivia dizendo que o aviãozinho era mais afeminado do que um ônibus cheio de drag queens. Eu não me ofendia: esse era o tipo de relacionamento que nós tínhamos.

– Como eu disse – o sujeito de terno ficou ruborizado –, temos psicólogos à disposição de vocês...

Mel, a mulher de moletom, se manifestou:

– Danem-se os seus psicólogos, só diga o que aconteceu!

A garota que segurava o balão começou a soluçar de maneira meio teatral e Kelvin passou o braço por seus ombros. Ela largou o balão e eu o vi quicar triste no piso, acabando por se alojar perto do cinzeiro retrô. Outras pessoas começavam a entrar na sala, trazidas por mais funcionários da Go!Go!, a maioria parecendo tão perplexa e despreparada quanto aquele adolescente cheio de espinhas.

O rosto de Mel estava tão vermelho quanto seu agasalho de moletom e ela sacudiu um dedo no ar diante do funcionário. Todo mundo parecia gritar ou chorar, mas eu sentia um curioso distanciamento com relação ao que acontecia, como se estivesse no palco esperando uma deixa. E é uma coisa medonha de admitir, mas pensei: *Lembre-se do que você está sentindo, Paul, você pode usar isso em alguma atuação.* Não sinto orgulho disso; só estou sendo honesto.

Fiquei olhando o balão, e de repente pude ouvir as vozes de Jessica e Polly, nítidas como um sino: “Mas, tio Paaaaauuuuul, o que mantém o avião no ar?” Stephen havia me convidado para almoçar no domingo anterior à viagem e as gêmeas não tinham parado de pegar no meu pé falando no voo, presumindo, por algum motivo, que eu era a fonte de todo o conhecimento sobre as aeronaves.

Era a primeira vez das meninas num avião e elas estavam mais empolgadas com isso do que com as férias. Eu me peguei tentando lembrar a última coisa que Stephen me dissera, algo do tipo “Vejo você quando estiver mais velho, camarada”. Nós não somos gêmeos idênticos, mas como pude não ter sentido que algo medonho acontecera? Tirei o telefone do bolso, lembrando que Stephen tinha me mandado um torpedo na véspera: *As meninas dizem oi. Hotel cheio de otários. Chegamos aí 15h30. Não se atrase ;)* Repassei as mensagens, tentando encontrá-la. De repente era absolutamente vital que eu a salvasse. Não estava ali; devia ter apagado sem querer.

Mesmo semanas depois eu desejava ter mantido aquela mensagem de texto.

Sem me dar conta, estava de volta ao saguão de desembarque. Não lembro como fui parar lá nem se alguém tentou me impedir de sair daquela sala medonha. Eu vagava, sentindo que as pessoas me olhavam, mas nesse momento elas eram figurantes sem importância. Havia algo no ar, como se uma tempestade fosse desabar. Pensei: dane-se, preciso de uma bebida, o que não era do meu feitio, pois eu estava sóbrio fazia uns dez anos. Fui como um sonâmbulo em direção ao bar irlandês na extremidade do saguão. Um grupo de rapazes de terno rodeava o balcão, vendo TV. Um deles, um moleque de cara vermelha com sotaque de malandro, falava alto demais, asneiras sobre o 11 de Setembro, dizendo a todo mundo que tinha de chegar a Zurique às 17h50 ou “cabeças iriam rolar”. Parou no meio da frase quando me aproximei e os outros abriram espaço para mim, recuando como se eu fosse contagioso. Claro, desde então aprendi que o sofrimento e o horror *são* contagiosos.

O som da televisão estava no máximo e uma apresentadora – um daqueles horrores americanos cheios de botox, dentes artificiais e maquiagem demais – falava sem parar. Atrás dela havia a imagem do que parecia uma espécie de pântano com um helicóptero pairando acima. Li a legenda: “Acidente com o avião da Maiden Airlines nos Everglades.”

Eles erraram, pensei. *Stephen e as meninas estavam viajando pela Go!Go!, e não nesse avião.*

E então entendi: outro avião tinha caído.

Às 14h35 (horário da África Central), um avião Antonov de carga e passageiros alugado pela companhia aérea nigeriana Dalu caiu no coração de Khayelitsha, a favela mais populosa da Cidade do Cabo. Liam de Villiers foi um dos primeiros paramédicos a chegar ao local. Na época do acidente, era um profissional avançado de salvamento da Cape Medical Response e agora trabalha com aconselhamento psicológico. Este relato foi elaborado a partir de entrevistas realizadas pelo Skype e por e-mail.

Estávamos atendendo a um incidente na Baden Powel Drive quando tudo aconteceu. Um táxi havia batido num Mercedes e capotara, mas não era nada tão ruim, pois não levava passageiros. Apesar de o motorista ter sofrido apenas pequenos ferimentos, precisávamos mandá-lo para a emergência, para levar pontos. Era um daqueles raros dias calmos, o vento sudeste que viera incomodando durante semanas tinha parado e só havia uns fiapos de nuvens sobre a borda da montanha da Mesa. Acho que você poderia chamar de um dia perfeito, apesar de estarmos parados um pouco perto demais da estação de tratamento de esgoto de Macassar. Depois de sentir aquele cheiro durante vinte minutos, fiquei agradecido por não ter comido o frango frito para viagem que comprara para o almoço.

Naquele dia eu estava com Cornelius, um dos novatos, um cara maneiro, com senso de humor, que batia papo com dois guardas de trânsito. O taxista gritava ao celular, mentindo para o chefe enquanto eu fazia um curativo na parte superior do seu braço. Não dava para perceber que algo havia acontecido com ele: o sujeito não se encolheu uma vez sequer. Eu já ia perguntar ao Cornelius se ele tinha avisado à emergência do False Bay que estávamos seguindo com um paciente quando um rugido rasgou o céu, fazendo todos nós pularmos. O motorista do táxi deixou cair o telefone no chão.

E então nós vimos. Sei que todo mundo diz isso, mas foi exatamente como assistir a uma cena de filme; não dava para acreditar que estava acontecendo de verdade. Ele voava tão devagar que pude ver a tinta descascada no logotipo – sabe, aquele arabesco verde em volta de um “D”. O trem de pouso estava abaixado e a aeronave balançava loucamente de um lado para o outro, como um homem na corda bamba tentando se equilibrar. Lembro-me de ter pensado: o aeroporto fica na direção oposta, que porra o piloto está fazendo?

Cornelius estava gritando alguma coisa, apontando. Não pude ouvir o que ele dizia, mas captei o sentido geral. Mitchell's Plain, onde sua família morava, não era muito longe do lugar para onde o avião parecia se dirigir. Era óbvio que o aparelho estava caindo; não pegava fogo nem nada, mas estava claro que passava por problemas sérios.

O avião sumiu de vista, houve um *bum* e juro que o chão tremeu. Mais tarde, Darren, o controlador da nossa base, disse que provavelmente estávamos longe demais para sentir qualquer tremor, mas é assim que eu lembro. Segundos depois, uma nuvem preta brotou no céu: era gigantesca e me fez pensar naquelas imagens de Hiroshima. Pensei que não havia jeito de alguém sobreviver a isso.

Não paramos para pensar. Cornelius pulou na cabine, começou a falar pelo rádio com a base, dizendo que tínhamos um acidente de grandes proporções e que o centro de administração de desastres devia ser notificado. Eu falei ao taxista que ele teria de esperar outra ambulância para levá-lo à emergência e gritei “Informe que é um Fase Três, um Fase Três!”. Os policiais já estavam na estrada, indo direto para a saída da via expressa para Khayelitsha Harare. Pulei na parte de trás da ambulância, a adrenalina disparando no corpo, jogando fora todo o cansaço que sentia após doze horas de plantão.

Enquanto Cornelius dirigia, seguindo o carro da polícia, eu peguei uma mochila e comecei a remexer nos armários a fim de encontrar os equipamentos para queimadura, frascos de soro, tudo que poderíamos necessitar. Coloquei-a na maca. Éramos treinados para a queda de um avião, é claro. Há um local designado para pousos de emergência em Fish Hoek, em False Bay, e eu me perguntei se era para lá que o piloto estava indo quando percebeu que não conseguiria chegar ao aeroporto. Mas não vou mentir, treinamento é algo bem diferente; nunca pensei que teríamos de enfrentar uma situação assim.

Aquela corrida de ambulância está gravada na minha memória de um jeito que não dá para acreditar. Os estalos no rádio em meio a vozes conferenciando, os nós esbranquiçados dos dedos de Cornelius segurando o volante, o fedor da comida que nunca cheguei a comer. E olhe, isso vai soar mal, mas existem partes de Khayelitsha em que geralmente nem sonharíamos em entrar; tivemos incidentes em que o pessoal foi mantido do lado de fora – todos os serviços de ambulância vão lhe dizer –, mas isso era diferente. Nem me ocorreu ficar preocupado por entrar em Little Brazzaville. Darren estava de novo no rádio, orientando Cornelius quanto aos procedimentos, falando que tínhamos de esperar que o local fosse considerado seguro primeiro. Em situações assim não há lugar

para heróis. Você não vai querer se ferir e acabar como mais uma baixa para ser tratada pelo pessoal.

À medida que chegávamos mais perto, eu podia ouvir gritos se misturando com as sirenes que vinham de todas as direções. A fumaça rolava até nós, cobrindo o para-brisa com um resíduo oleoso, e Cornelius precisou diminuir a velocidade e ligar os limpadores. O cheiro acre de combustível queimando encheu a ambulância; durante dias não consegui tirar aquele fedor da pele. Cornelius pisou no freio quando uma multidão veio na nossa direção feito uma enchente. A maioria carregava televisores, crianças chorando, móveis, cachorros. Não estavam saqueando, pois sabiam a velocidade com que um incêndio poderia se espalhar naquela área. Quase todas as casas são grudadas umas nas outras, barracos de madeira e zinco, muitas mal passam de lenha para fogueira, para não mencionar a quantidade de parafina que devia estar espalhada por ali.

Diminuímos a velocidade até quase parar e eu podia ouvir o som de mãos batendo nas laterais da ambulância. Cheguei a me abaixar ao ouvir o estrondo de outra explosão e pensei *merda*. Um bando de helicópteros lotava o ar e eu gritei para Cornelius parar – era óbvio que não poderíamos ir mais longe sem colocar nossa segurança em risco. Saí da traseira e tentei me preparar para o que veríamos.

Era o caos. Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não saberia que era uma queda de avião: teria presumido que uma bomba havia explodido. E o calor que vinha de lá... Mais tarde vi as imagens em vídeo, feitas pelos helicópteros, o buraco preto no chão, os barracos achatados, aquela escola construída pelos americanos, esmagada como se fosse feita de palitos de fósforo, a igreja partida ao meio parecendo tão frágil quanto um casebre.

– Tem mais! Tem mais! Ajude a gente! – gritavam as pessoas. – Aqui! Aqui!

Parecia que centenas de pessoas vinham na nossa direção gritando por socorro, mas felizmente os policiais que estavam no local da colisão dos carros empurraram a maioria para trás e pudemos avaliar o que enfrentaríamos. Cornelius começou a organizá-los em grupos de triagem, separando quem tinha mais necessidade de ajuda urgente. Eu soube de imediato que a primeira criança que vi não resistiria. Sua mãe abalada disse que os dois estavam dormindo quando ouviu um rugido ensurdecedor e pedaços de entulho choveram dentro do quarto. Agora sabemos que o avião se partiu durante o impacto, espalhando partes em chamas, tal e qual o Agente Laranja herbicida usado na Guerra do Vietnã.

Um médico do hospital de Khayelitsha foi o primeiro a chegar, fazendo um serviço fantástico. O cara era rápido no gatilho. Mesmo antes que a equipe de

enfrentamento de desastres tivesse aparecido, ele já tinha localizado áreas para as barracas de triagem, necrotério e posto de ambulância. Há um sistema para essas coisas, você não pode fazer pela metade. Eles estabeleceram o círculo externo em tempo recorde e o serviço de bombeiros e resgate do aeroporto estava ali minutos após termos chegado para isolar a área. Era vital garantir que não aconteceriam mais explosões. Todos sabíamos muito bem quanto oxigênio os aviões carregam, para não falar no combustível.

Cuidamos principalmente das baixas periféricas. A maioria era de queimaduras, membros decepados por metal voando, um bocado de amputações, muita gente com problemas oculares, em especial crianças. Cornelius e eu entramos em ritmo acelerado. Os policiais mantinham as pessoas afastadas, mas não era possível culpá-las por se apinharem ao nosso redor. Eram pais procurando filhos que estavam naquela escola e creche, outros exigindo saber a situação de entes queridos. Um bom número filmava com celulares. Eu não os condenava: isso estabelece uma distância, não é? E a mídia estava em toda parte, era um enxame. Precisei impedir Cornelius de socar um homem que tentava enfiar uma câmera na cara dele.

E, à medida que a fumaça diminuía, dava para ver pouco a pouco o tamanho da devastação. Metal amassado, retalhos de roupas, móveis e utensílios quebrados, sapatos largados, um celular pisoteado. E corpos, claro. A maioria queimada, mas havia outros... pedaços, você sabe... Os gritos ecoavam de todos os lados à medida que mais e mais mortos eram descobertos; a barraca usada como necrotério improvisado simplesmente não daria conta.

Trabalhamos o dia inteiro e noite adentro. Quando a escuridão começou a se adensar, o local foi iluminado com holofotes e, de algum modo, tudo ficou pior. Mesmo com o equipamento de respiração, alguns voluntários mais jovens da equipe não suportavam e dava para vê-los correndo para longe, para vomitar.

Os sacos com cadáveres continuavam se empilhando.

Não se passa um dia sem que eu não pense nisso. Ainda não consigo comer frango frito.

Você sabe o que aconteceu com o Cornelius, não sabe? A esposa disse que nunca poderá perdoá-lo, mas eu o perdoo. Sei como é se sentir ansioso o tempo todo, não conseguir dormir, chorar sem um motivo aparente. É por isso que passei a trabalhar em aconselhamento psicológico.

Olhe, a não ser que você tenha estado lá, não existe um modo adequado de descrever, mas deixe-me comparar. Sou paramédico há mais de vinte anos e já presenciei algumas coisas pesadas. Já vi o corpo carbonizado de uma pessoa

ainda soltando fumaça depois de terem botado fogo nela, o rosto fixo numa expressão que você não quer ver nem em seus piores pesadelos. Eu estava de serviço quando houve tumultos na greve dos trabalhadores municipais e a polícia abriu fogo: trinta mortos e nem todos em decorrência dos ferimentos de bala. Você não quer ver que tipo de danos um facão de cana pode causar. Estive em engavetamentos onde os corpos de crianças e de bebês ainda nas cadeirinhas foram jogados por cima de três pistas. Vi o que acontece quando um caminhão blindado perde os freios e passa por cima de um carro de passeio. E, durante o serviço em Botsuana, encontrei os restos de um guarda florestal que fora partido ao meio por mordidas de um hipopótamo. Nada pode se comparar com o que vimos naquele dia. Todos entendemos pelo que Cornelius passou – todo o pessoal entendeu.

Ele fez a coisa dentro do carro, na costa oeste, onde costumava ir pescar. Asfixia, mangueira ligada no cano de descarga. Sem sujeira, sem confusão.

Sinto falta dele.

Depois recebemos um monte de censuras por termos tirado fotos e posto no Facebook. Mas não vou me desculpar por isso. É uma das maneiras de enfrentar a situação – precisamos falar – e se você não está no serviço, não vai entender. Agora andam falando em retirá-las, já que aqueles malucos ficam usando-as como propaganda. Como cresci neste país, não sou fã da censura, mas consigo ver por que eles estão pressionando. Isso só põe mais lenha na fogueira.

Mas vou dizer uma coisa: eu estive lá, na porra do marco zero, e de jeito nenhum alguém daquele avião sobreviveu. De jeito nenhum. Vou me manter firme, não importa o que dizem aqueles fãs escrotos de teorias de conspiração (desculpe o palavreado).

Vou me manter firme.

Yomijuri Miyajima, geólogo e rastreador voluntário de suicídios na famosa floresta de Aokigahara, no Japão, local popular entre pessoas deprimidas que querem acabar com a própria vida, estava de serviço na noite em que um Boeing 747-400D operado pela companhia japonesa Sun Air mergulhou ao pé do monte Fuji.

(Tradução de Eric Kushan)

Eu esperava encontrar um corpo naquela noite. Não centenas.

Geralmente os voluntários não patrulham à noite, mas, quando estava começando a escurecer, nosso posto recebeu o telefonema de um pai muito preocupado com o filho. Ele havia interceptado e-mails alarmantes e encontrado um exemplar do manual de suicídio de Wataru Tsurumi embaixo do colchão do adolescente. Junto com o famoso romance de Matsumoto, esse é um texto popular para quem deseja se suicidar na floresta; já perdi a conta de quantos exemplares abandonados encontrei nos meus anos de trabalho aqui.

Há algumas câmeras destinadas a monitorar atividades suspeitas na entrada mais popular, mas eu não tinha recebido qualquer confirmação de que ele fora visto e, apesar de ter uma descrição do automóvel do adolescente, não vira nenhum sinal do veículo no acostamento da estrada nem em qualquer dos pequenos estacionamentos perto da floresta. Isso não queria dizer nada. Frequentemente as pessoas seguem de carro até locais distantes ou escondidos nos limites da floresta para acabar com a própria vida. Alguns tentam se matar com gases de escapamento; outros, inalando a fumaça tóxica de churrasqueiras portáteis. Mas, de longe, o método mais comum é o enforcamento. Muitos suicidas trazem barracas e suprimentos, como se precisassem passar uma ou duas noites contemplando o que vão fazer antes de irem até o fim.

Todo ano a polícia local e muitos voluntários fazem uma varredura na floresta para encontrar os corpos dos que optaram por morrer aqui. Na última vez em que fizemos isso, no fim de novembro, descobrimos os restos mortais de trinta pessoas. A maior parte jamais foi identificada. Se eu encontro alguém que desconfio estar planejando se matar, peço que pense na dor da família deixada para trás e lembro que sempre há esperança. Aponto para a rocha vulcânica que forma a base do piso da floresta e digo que, se as árvores podem crescer numa

superfície tão dura e implacável, uma vida nova pode ser construída sobre o alicerce de qualquer dificuldade.

Hoje em dia é comum os desesperados trazerem fita adesiva para marcar o caminho de volta, caso mudem de ideia, ou, na maioria dos casos, para indicar onde seus corpos podem ser encontrados. Mas também há turistas asquerosos que esperam encontrar algum morto, mas não querem se perder.

Eu me ofereci para entrar a pé na floresta e verifiquei primeiro se havia indicação de alguma nova fita grudada nas árvores. Estava escuro, logo era impossível ter certeza, mas pensei ter visto sinais de que alguém desrespeitara, fazia pouco tempo, as placas de “não ultrapasse este ponto”.

Não me preocupava a hipótese de me perder, pois conheço muito bem a floresta. Peço desculpas se pareço pretensioso, mas depois de 25 anos fazendo isso, a atividade se tornou parte de mim. E eu tinha uma lanterna poderosa e meu GPS – não é verdade que a rocha vulcânica atrapalha os sinais. Contudo, a floresta é ímã de mitos e lendas e as pessoas acreditam no que querem.

Assim que você entra na floresta, ela se torna um casulo. As copas das árvores formam um teto suavemente ondulante que isola o mundo lá fora. Algumas pessoas podem achar intimidante a imobilidade e o silêncio, mas eu, não. Os *yūrei* não me amedrontam. Não tenho por que temer os espíritos dos mortos. Já ouviu falar nas histórias de que esse era um local comum para o *ubasute*, a prática de abandonar os idosos ou enfermos para morrer ao relento em tempos de fome? Isso não tem base real. É apenas mais uma das muitas lendas que o lugar atrai. Muitos acreditam que os espíritos são solitários e tentam puxar as pessoas. Acreditam que é por isso que tantos vão à floresta.

Não vi o avião cair – como disse, a copa da floresta esconde o céu –, mas ouvi. Foi uma série de estrondos abafados, como portas gigantescas sendo fechadas com força. O que pensei que era? Presumi que fosse um trovão, apesar de não ser época de tempestades ou tufões. Estava absorvido demais em examinar as sombras, reentrâncias e sulcos no chão da floresta em busca de evidências da presença de um adolescente para especular.

Já ia desistir quando meu rádio emitiu estalos e Sato-san, um dos meus colegas rastreadores, me alertou de que um avião com problemas se desviara da rota e caíra em algum lugar nos arredores da floresta, provavelmente na área de Nurusawa. Claro que percebi então que era essa a fonte dos estrondos que ouvira antes.

Sato informou que as autoridades se dirigiam para lá e disse que estava organizando uma equipe de buscas. Parecia ofegante, profundamente chocado. Sabia, como eu, que o resgate teria dificuldade para chegar ao local. O terreno

em algumas áreas da floresta é quase impossível de transpor: existem fendas profundas escondidas em muitos lugares, o que torna perigoso percorrê-los.

Decidi ir para o norte, na direção do som que tinha escutado.

Em menos de uma hora ouvi o rugido dos helicópteros de resgate varrendo a floresta. Sabia que seria impossível pousarem, por isso avancei com urgência ainda maior. Se houvesse sobreviventes, sabia que precisava alcançá-los logo. Em duas horas comecei a sentir cheiro de fumaça: as árvores tinham se incendiado em vários lugares, mas felizmente os incêndios não haviam se espalhado e os galhos reluziam enquanto as chamas se recusavam a pegar e começavam a morrer. Algo me fez apontar o facho da lanterna para as copas, captando uma pequena sombra pendurada nos galhos. A princípio pensei que fosse o corpo queimado de um macaco.

Não era.

Havia outros, claro. A noite estava tomada pelos sons dos helicópteros de resgate e da mídia, que sobrevoavam acima de mim, iluminando incontáveis formas presas aos galhos. Algumas eu conseguia ver com muitos detalhes; nem pareciam feridas, quase como se estivessem dormindo. Outras... Outras não tiveram tanta sorte. Todas estavam parcialmente vestidas ou nuas.

Lutei para chegar ao que agora é conhecido como o principal local da queda, onde a cauda e a asa partida foram encontradas. Equipes de resgate estavam sendo baixadas por cordas, mas os helicópteros não conseguiam pousar num terreno tão irregular e traiçoeiro.

Era uma sensação estranha chegar perto da cauda da aeronave. Ela se erguia alta acima de mim, o orgulhoso logotipo vermelho fantasmagoricamente intacto. Corri até onde dois paramédicos cuidavam de uma mulher que gemia no chão; não dava para ver até que ponto ela estava ferida, mas nunca ouvi um som daqueles sair de um ser humano. Foi então que captei um movimento com a visão periférica. Algumas árvores ainda pegavam fogo nessa área e eu vi uma forma pequena, encurvada, oculta em parte atrás de um afloramento de rocha vulcânica retorcida. Corri para lá e vislumbrei dois olhos no facho da lanterna. Larguei a mochila e corri, movendo-me mais depressa do que nunca na vida.

Ao me aproximar, percebi que era uma criança. Um menino.

Ele estava agachado, tremendo violentamente, e pude ver que um dos seus ombros se projetava num ângulo que não era natural. Gritei para os paramédicos virem depressa, mas eles não me escutaram por causa do som dos helicópteros.

O que eu disse a ele? É difícil lembrar, mas deve ter sido algo como “Você está bem? Não entre em pânico, estou aqui para ajudar”.

Era tão grossa a mortalha de sangue e lama cobrindo seu corpo que a princípio não percebi que ele estava nu – mais tarde disseram que suas roupas foram arrancadas pela força do impacto. Estendi a mão para tocá-lo. Sua carne estava fria, porém o que mais se esperaria com aquela temperatura, abaixo do ponto de congelamento?

Não sinto vergonha de dizer que chorei.

Enrolei meu casaco nele e, com o máximo de cuidado, peguei-o no colo. Ele encostou a cabeça no meu ombro e sussurrou “Três”. Ou pelo menos foi o que pensei. Pedi que repetisse, mas seus olhos se fecharam, a boca ficou frouxa como se ele estivesse dormindo a sono solto e me preocupei mais ainda em levá-lo para a segurança e mantê-lo quente antes que sofresse hipotermia.

Claro que agora todo mundo vive me perguntando: você viu algo estranho no menino? Claro que não! Ele havia acabado de passar por uma experiência horrível e o que eu notava eram sinais de choque.

Não concordo com o que algumas pessoas estão dizendo sobre ele. Que está possuído por espíritos raivosos, talvez dos passageiros mortos que invejam sua sobrevivência. Que ele mantém as almas furiosas dentro do coração.

Também não dou crédito às outras histórias que cercam a tragédia: o piloto seria um suicida e a floresta o estaria atraindo, pois não havia outro motivo para o avião cair em Jukei. Teorias como essa apenas causam dor e mais problemas quando já há em excesso. Para mim é óbvio que o comandante lutou para fazer a aeronave cair numa área despovoada. Ele teve minutos para reagir e tomou uma atitude nobre.

E como um menino japonês pode ser o que aqueles americanos estão dizendo? Aquele garoto é um milagre. Vou me lembrar dele pelo resto da vida.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br